



LIÇÃO 02

13 de Julho de 2025
3º TRIMESTRE 2025
ADULTOS

Murilo Alencar

A Igreja de Jerusalém – Um modelo a ser seguido

Esboço Da Lição 02

Do 3º Trimestre

De 2025

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

A IGREJA EM JERUSALÉM

Doutrina, Comunhão e Fé: A Base para o Crescimento da Igreja em meio às Perseguições

Domingo, 13 de julho 2025

A IGREJA DE JERUSALÉM: UM MODELO A SER SEGUIDO

A Igreja de Jerusalém ocupa lugar central na narrativa de Atos dos Apóstolos, sendo considerada o berço histórico do cristianismo. Sua origem, marcada pela descida do Espírito Santo no Pentecostes, revela uma comunidade fundamentada na doutrina dos apóstolos, na comunhão fraterna, na observação das ordenanças e na vida de oração. O relato de Atos 2.37–47 fornece uma descrição rica de seus valores, práticas e impacto no mundo. Este estudo propõe examinar os pilares teológicos e eclesiológicos dessa igreja, a fim de extrair lições relevantes para a vida da igreja contemporânea e para a espiritualidade cristã autêntica.

TEXTO PRINCIPAL

Todos se dedicavam de coração ao ensino dos apóstolos, à comunhão, ao partir do pão e à oração. (At 2.42 NVT).

Tomando como referência o contexto imediato, Keener (2022) sugere que Lucas usa uma figura de linguagem conhecida como quiasmo na seção de Atos 2.41–47. A estrutura quiástica (ou quiasmo) é uma forma literária usada na Bíblia (em narrativas, poesia e discursos) para organizar ideias em forma de espelho, ou seja, de maneira simétrica. Os elementos são apresentados em uma ordem (por exemplo: A – B – C) e depois retomados em ordem inversa (C' – B' – A'), formando um padrão “cruzado” (daí o termo *quiasmo*, do grego *chiasma*, cruzamento). A organização das ideias presentes na perícopes supramencionada ficam assim:

A Evangelização eficaz (pela pregação, At 2.41).

B Adoração e refeições compartilhadas (At 2.42).

C Bens compartilhados (At 2.44,45).

B Adoração e refeições compartilhadas (At 2.46).

A Evangelização eficaz (pelo estilo de vida, At 2.47).

Essa estrutura, segundo Keener, mostra como Lucas enfatiza tanto o crescimento externo da igreja (A–A') quanto sua vida interna de comunhão, ensino e espiritualidade (B–B', C), evidenciando o equilíbrio entre missão, doutrina e vida comunitária no modelo da igreja primitiva.

VERDADE PRÁTICA

A igreja de Jerusalém, como igreja-mãe, tornou-se exemplo para as demais. Um modelo a ser seguido por todas as igrejas verdadeiramente bíblicas.

A Igreja de Jerusalém serve como modelo, não por estar isenta de falhas, mas por ter sido a primeira igreja a viver sob o impacto direto do Pentecostes, manifestando elementos fundamentais da fé cristã: doutrina apostólica, comunhão fraterna, vida de oração e testemunho evangelístico (At 2.42–47).

A autoridade do exemplo da igreja-mãe está no fato de ter sido edificada pela pregação apostólica e de ser cheia do Espírito Santo. Ainda assim, era uma igreja composta por pessoas humanas, sujeitas a erros e limitações (At 5.1–11; 6.1–7).

Embora exemplar, não era perfeita. Em Atos 5, a hipocrisia de Ananias e Safira revela o perigo do pecado oculto dentro da igreja (At 5.1–11). Em Atos 6, surge a primeira crise administrativa, quando os helenistas reclamam da negligência no cuidado das viúvas, apontando uma tensão étnica e estrutural (At 6.1). Em Atos 11, os líderes de Jerusalém demonstram resistência ao aceitar a inclusão dos gentios, evidenciando uma dificuldade em romper com tradições judaicas arraigadas em seus corações (At 11.2–3).

Essas imperfeições nos ensinam que a verdadeira Igreja não é marcada pela ausência de erros, mas por sua abertura à correção e à obra purificadora do Espírito (At 15.1–29, Concílio de Jerusalém).

A visão romântica de uma “igreja perfeita” não resiste à luz do Novo Testamento. As epístolas revelam que as igrejas fundadas pelos apóstolos também eram compostas por homens e mulheres em processo de santificação, sujeitos a fraquezas e correções pastorais:

- Corinto: Divisões internas, imoralidade e desordem litúrgica (1Co 1.10–12; 5.1; 11.17–34).
- Gálatas: Influência do legalismo e desvio do evangelho da graça (Gl 1.6–9; 3.1–3).
- Éfeso: Doutrina ortodoxa, mas perda do primeiro amor (Ap 2.1–5).
- Laodiceia: Autossuficiência e mornidão espiritual (Ap 3.14–17).
- Filipos: Conflitos interpessoais (Fp 4.2–3).

Essas dificuldades reforçam a verdade de que não há igreja sem problemas porque não há cristãos sem pecados. Somos justificados, mas ainda não fomos glorificados (Rm 8.30; Fp 3.12).

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

1. UMA IGREJA COM SÓLIDOS ALICERCES

1.1 Uma igreja com fundamento doutrinário.

A LIÇÃO DIZ: *A igreja de Jerusalém era uma igreja bem doutrinada. Lucas relata que, antes de ascender aos céus, Cristo deu mandamentos, pelo Espírito Santo, aos apóstolos que escolhera (At 1.2). Uma igreja genuinamente cristã reflete a prática e os ensinamentos dos apóstolos. É exatamente isso o que o livro de Atos diz sobre*

a primeira igreja: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos” (At 2.42). Uma igreja só pode ser considerada genuinamente cristã quando ela consegue ensinar e doutrinar seus membros de tal forma que eles passem a refletir o caráter de Cristo.

Em sua análise expositiva do livro de Atos, Lopes (2012, p. 65–66) ressalta de maneira enfática que:

A igreja de Jerusalém conjugava doutrina e vida, credo e conduta, palavra e poder, qualidade e quantidade. Hoje vemos igrejas que revelam grandes desequilíbrios. As igrejas que zelam pela doutrina não celebram com entusiasmo. As igrejas ativas na ação social desprezam a oração. Aquelas que mais crescem em número mercadejam a verdade. Ao contrário disso, a igreja de Jerusalém era unificada (2.44), exaltada (2.47a) e multiplicada (2.47b).

Lucas, nos capítulos iniciais de Atos, insere pequenos quadros descritivos da vida da igreja primitiva com o propósito de apresentar modelos referenciais para as igrejas cristãs. Atos 2.42–47 é o primeiro desses retratos, destacando elementos essenciais como o ensino apostólico, os sinais, a comunhão e a oração. Outros sumários semelhantes aparecem em Atos 4.32–35, 5.12–16, 9.31 e 12.24.

Em resumo, percebe-se de forma clara que a igreja começou com o derramamento do Espírito, a pregação cristocêntrica e a permanência dos novos crentes na doutrina dos apóstolos.

Stott (1994, p. 87) diz:

Poderíamos até dizer que, naquele dia, o Espírito Santo abriu uma escola em Jerusalém; seus professores eram os apóstolos que Jesus escolhera; e havia três mil alunos no jardim de infância! Vemos que esses novos convertidos não estavam se deliciando com uma experiência mística que os levasse a rejeitar a própria mente ou a teologia. O Anti-intelectualismo e a plenitude do Espírito são mutuamente incompatíveis, pois o Espírito Santo é o Espírito da verdade.

Conclui-se que:

- 1.1.1 A Igreja precisa valorizar o ensino doutrinário sólido. Nenhuma igreja pode crescer de forma saudável se negligenciar a instrução bíblica e teológica, pois a verdade é o fundamento sobre o qual se forma o caráter cristão.
- 1.1.2 Espiritualidade autêntica une doutrina e vida. A igreja contemporânea precisa resistir à fragmentação entre ortodoxia (crença correta) e ortopraxia (prática correta). A igreja cristã que ensina, ora, serve e celebra está mais próxima do modelo apostólico do que aquela que enfatiza apenas um desses aspectos.
- 1.1.3 Crescimento espiritual e numérico não pode ocorrer à custa da verdade. Não devemos sacrificar a sã doutrina por estratégias de crescimento superficial. O progresso que agrada a Deus é aquele que resulta da fidelidade à Palavra e da ação do Espírito.

1.2 “Perseveravam na doutrina dos apóstolos” (At 2.42).

A LIÇÃO DIZ: *A expressão diz muito sobre o processo de discipulado da igreja de Jerusalém. Era uma igreja bem doutrinada e, portanto, bem discipulada. A palavra "doutrina" traduz o termo grego didaché, que significa "ensinar" e "instruir". Está diretamente relacionada ao discipulado cristão. O discípulo é alguém capaz de reproduzir, isto é, levar adiante aquilo que aprendeu de seu Mestre. Os apóstolos aprenderam de Cristo; a igreja cristã primitiva aprendeu dos apóstolos e passou a viver segundo esses ensinamentos, com o propósito de transmiti-los a outros. A tragédia da igreja acontece quando ela não consegue ser discipulada, nem tampouco discipular.*

Segundo Strong (2013), o termo grego traduzido como “doutrina” em Atos 2.42 é διδαχή (*didaché*, verbete 1322), derivado do verbo *didaskō* (1321), e apresenta os seguintes significados: ensino, aquilo que é ensinado, doutrina ou ensino a respeito de algo; e também o ato de ensinar, instrução. Nas assembleias religiosas dos cristãos, refere-se ao uso do discurso como meio de instrução, distinguindo-se de outras formas de comunicação pública.

Objetivamente, a expressão “doutrina dos apóstolos” pode ser definida como os ensinamentos inspirados transmitidos pelos apóstolos, inicialmente de forma oral e atualmente preservados no Novo Testamento.

A Igreja nascente perseverava no ensino (At 2.42). A expressão “perseverar”, traduzida do grego προσκατερέω (*proskarteréō*), denota a ideia de “manter-se firme, dedicar-se com constância, permanecer assíduo”. Trata-se de um verbo que indica continuidade e determinação, não uma ação esporádica.

Essa perseverança revela duas dimensões essenciais:

- Havia quem ensinasse. O texto demonstra que os apóstolos exerciam ativamente seu papel de mestres da fé cristã. Foram testemunhas oculares do ministério de Jesus, ouviram diretamente seus ensinamentos, presenciaram seus sinais e foram instruídos por Ele ao longo de três anos. O conteúdo de sua pregação não era produto de especulação pessoal, mas da revelação divina confiada por Cristo (Mt 28.20; Jo 14.26).
- Havia quem desejasse aprender. Os crentes recém-convertidos não buscavam apenas experiências extraordinárias, mas ansiavam crescer no conhecimento da verdade. A experiência do Pentecostes não os conduziu a um estado de êxtase desordenado, mas ao compromisso com uma vida de comunhão edificada sobre a Palavra. Essa disposição para ouvir, aprender e aplicar os ensinamentos apostólicos caracteriza o discipulado genuíno.

O próprio Jesus valorizava profundamente o ensino em seu ministério. As multidões se admiravam da sua doutrina (Mt 7.28–29) e os evangelistas registram que Ele “ensinava nas sinagogas, pregava o evangelho do reino e curava...” (Mt 4.23). Antes de sua ascensão, incumbiu seus discípulos de fazer outros discípulos, ensinando-os a guardar tudo o que lhes havia ordenado (Mt 28.19–20).

Nota especial (advertência que precisa ser compartilhada):

“Aqui precisamos pôr em destaque o papel do pastor no processo educacional da igreja. O pastor precisa conscientizar-se de que os tempos mudaram. Com o advento das redes sociais e um maior acesso aos meios educacionais, a sociedade tornou-se mais informada (também mais bem formada), tornando-se, assim, mais exigente nas suas demandas. Isso também se reflete nas igrejas. Os crentes tornaram-se mais exigentes. Sem dúvida, esse é um fator que põe certa pressão sobre o pastor que, de alguma forma, se acomodou com os seus estudos. O pastor sente-se pressionado a estudar, pois não justifica ele ficar acomodado quando o membro da sua igreja demonstra possuir conhecimento bíblico e teológico mais do que ele. Em tempos passados, querendo evitar o ensino formal, os pastores apegavam-se à afirmação bíblica de que o Espírito Santo colocaria palavras nos lábios do crente. Assim, o pastor não precisava estudar. Essa é, sem dúvidas, uma exegese equivocada e uma forma simplista de entender a Bíblia. [...]. Paulo mesmo aconselhou Timóteo a dedicar-se à leitura: “Aplica-te na leitura” (1 Tm 4.13, ARA). [...]. Quando se negligencia o estudo, é fácil torcer o texto bíblico, fazendo-o dizer o que, na verdade, ele não está dizendo. Grandes pregadores como John Wesley, Charles Spurgeon, Adam Clarke, Myer Pearlman, Antônio Gilberto, entre muitos outros, foram estudantes vorazes da Bíblia e daquilo que ajudaria a entendê-la. [...] O pastor deve estudar para poder melhor desempenhar o seu papel ministerial. É inconcebível o analfabetismo bíblico e teológico presente em muitos crentes, especialmente líderes. [...] A pobreza dos púlpitos é resultado da pobreza bíblica, teológica e cultural de muitos pastores. [...] Não só é perigoso, como também é uma irresponsabilidade de quem o faz, colocar alguém sem o devido conhecimento bíblico e teológico para liderar uma igreja. É como colocar alguém dentro de um carro e mandá-lo dirigir em um grande centro sem ele possuir uma carteira de habilitação. Se ele não se ferir e morrer, provavelmente vai ferir e matar alguém.” (GONÇALVES, 2024, p. 33–34).

Conclui-se que:

- 1.2.1 A Escritura é o alimento da alma, a fonte do poder e do crescimento do crente. Não existe alternativa à exposição fiel da Palavra.
- 1.2.2 As igrejas que negligenciam esse fundamento o fazem para sua própria ruína, como alerta o profeta: “O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento” (Os 4.6).
- 1.2.3 A Igreja não pode praticar aquilo que não conhece, nem os crentes podem viver segundo princípios que jamais aprenderam.
- 1.2.4 A exposição contínua das Escrituras deve ser o centro da vida da Igreja. Os mais nobres crentes são os que examinam diariamente as Escrituras, como os bereanos (At 17.11), pois nelas encontram o fundamento seguro da fé apostólica.

1.3 Uma igreja relacional e piedosa.

A LIÇÃO DIZ: *A igreja de Jerusalém perseverava na "comunhão" (At 2.42). A maioria dos intérpretes entende que a palavra grega koinonia, traduzida aqui como "comunhão", é uma referência às relações interpessoais dos primeiros cristãos. A primeira igreja era, portanto, uma igreja relacional. Assim, perseverar na comunhão tem o sentido de "dedicar-se" à construção de bons relacionamentos. A mesma igreja que perseverava na doutrina dos apóstolos e na comunhão era também uma igreja que vivia em oração (At 2.42). A igreja de Jerusalém orava!*

Lopes (2012, p. 67) destaca que “na igreja de Jerusalém os irmãos gostavam de estar juntos (2.44). Eles partilhavam seus bens (2.45). Eles apreciavam estar no templo (2.46) e também nos lares (2.46b).”

Comunhão é o dever espiritual dos crentes de estimularem uns aos outros à santidade e à fidelidade. Essa prática se expressa, de modo mais específico, por meio dos mandamentos recíprocos do Novo Testamento (cf. Rm 12.10, 16; 13.8; 14.19; 15.5, 7, 14; 16.16; Gl 5.13; Ef 4.2, 25, 32; 5.21; Fp 2.3; Cl 3.9, 13, 16; 1Ts 4.9, 18; 5.11, 13; Hb 3.13; 1Pe 1.22; 4.9, 10; 5.5, entre outros). O significado básico de *koinonía* (comunhão) é “parceria” ou “compartilhamento”. Aqueles que recebem a Jesus Cristo tornam-se parceiros com Ele e com todos os demais crentes (1Jo 1.3). Essa comunhão é permanente, pois a vida eterna que compartilhamos é para sempre. No entanto, a alegria que dela provém pode ser perdida quando há negligência pecaminosa em relação às responsabilidades espirituais.

Para um cristão, deixar de participar da vida de uma igreja local é algo indesculpável. Na verdade, quem escolhe o isolamento incorre em desobediência direta às Escrituras. Hebreus 10.24–25 exorta os crentes a “considerarem uns aos outros, para se estimularem ao amor e às boas obras, não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns; antes, admoestando-nos uns aos outros, e tanto mais quanto vedes que se vai aproximando aquele dia”. A Bíblia não concebe a vida cristã como sendo vivida à parte da comunhão com outros crentes. Todos os membros da Igreja universal, o corpo de Cristo, devem estar ativamente e intimamente envolvidos em assembleias locais.

Seguindo o fluxo do texto bíblico, somos informados de que os crentes “perseveravam nas orações”. Nesse contexto, Lopes (2012, p. 67) sublinha:

A igreja de Jerusalém não apenas possuía uma boa teologia da oração, mas efetivamente orava. Ela dependia mais de Deus do que dos próprios recursos: Atos 1.14 – Todos unânimes perseveravam em oração; Atos 3.1 – Os líderes da igreja vão orar às 3 horas da tarde; Atos 4.31 – A igreja sob perseguição ora, o lugar treme e o Espírito desce; Atos 6.4 – A liderança entende que a sua maior prioridade é oração e a Palavra; Atos 9.11 – O primeiro sinal que Deus deu a Ananias sobre a conversão de Paulo é que ele estava orando; Atos 12.5 – Pedro está preso, mas há oração incessante da igreja em seu favor e ele é miraculosamente libertado; Atos 13.1–3 – A igreja de Antioquia ora e Deus abre as portas das missões mundiais; Atos 16.25 – Paulo e Silas oram na prisão e Deus abre as portas da Europa para o evangelho; Atos 20.36 – Paulo ora com os presbíteros da igreja de Éfeso na praia; Atos 28.8,9 – Paulo ora pelos enfermos da ilha de Malta e os cura.

Infelizmente, na igreja contemporânea, a oração tem sido amplamente negligenciada. Programações, shows, entretenimento e testemunhos de pessoas influentes costumam atrair grandes multidões. As reuniões de oração, por outro lado, são frequentadas apenas por poucos fiéis. Essa negligência é, sem dúvida, uma das razões principais da fragilidade espiritual que se observa em muitas igrejas de hoje. Em contraste com a igreja primitiva, temos nos esquecido das exortações bíblicas a orar sempre (cf. Lc 18.1; Ef 6.18) e a perseverar na oração (cf. Rm 12.12; Cl 4.2).

Conclui-se que:

- 1.3.1 Uma igreja relacional valoriza pessoas. Ela enxerga o irmão solitário no banco, o novo convertido sem apoio e o membro afastado sem acompanhamento. Perseverar na comunhão é contrariar o individualismo, romper com a indiferença e cultivar vínculos de discipulado, cuidado mútuo e correção em amor (At 2.44–46; Hb 10.24–25).

- 1.3.2 A igreja que não ora morre espiritualmente. Uma igreja que troca o clamor pelo entretenimento perde o vigor espiritual, mesmo que cresça numericamente. Atos mostra que onde há oração, há avivamento. Onde a oração cessa, a carne assume o púlpito e a frieza ocupa os bancos (At 6.4; 12.5; 13.1–3).

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

2. UMA IGREJA OBSERVADORA DOS SÍMBOLOS CRISTÃOS

2.1 O Batismo.

A LIÇÃO DIZ: *Após o primeiro sermão do apóstolo Pedro na igreja de Jerusalém, e como resposta a uma pergunta, ele disse ao povo: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados” (At 2.38). Naquela época, a primeira igreja batizava quem se convertia. Ela sabia que o batismo era uma das ordenanças de Jesus e que ele era um dos principais símbolos da fé cristã (Mc 16.16). O batismo era um dos primeiros passos da fé cristã, um rito de entrada para a nova vida em Cristo. Mas, para ser batizado, a pessoa precisava ter se arrependido dos seus pecados e crido em Jesus. Era preciso ter consciência do sentido desse símbolo de fé. Assim, o batismo era um testemunho público de que a pessoa havia se convertido.*

As ordenanças são chamadas de sacramentos, tanto pela Igreja Católica quanto por algumas denominações históricas e são também reconhecidas como meios de graça por elas. Na teologia pentecostal, usa-se o termo “ordenanças” para se referirem ao batismo e à Ceia do Senhor. Essa preferência decorre simplesmente do fato de que o Senhor Jesus ordenou ambas as coisas.

Uma ordenança é simplesmente uma "prática ou cerimônia prescrita". Os protestantes e evangélicos enxergam as ordenanças como reconstituições simbólicas da mensagem do evangelho que ensina que Cristo viveu, morreu, ressuscitou dentre os mortos, ascendeu aos céus e voltará um dia. Ao invés de serem requisitos para a salvação, as ordenanças são auxílios visuais para nos ajudar a melhor compreender e apreciar o que Jesus Cristo realizou por nós na Sua obra redentora. As ordenanças são determinadas por três fatores: foram instituídas por Cristo, foram ensinadas pelos apóstolos e foram praticadas pela igreja primitiva. Já que o batismo e a Ceia são os únicos rituais que satisfazem estes critérios, então só pode haver duas ordenanças. Nenhuma das ordenanças é necessária para a salvação e nem é um "veículo para a graça".

Depois desta breve explicação, vamos compreender o que é o “Batismo”. Batismo é a nossa identificação com Cristo na Sua morte e ressurreição. Do mesmo modo como os elementos da Ceia simbolizam o corpo e o sangue de Jesus, a imersão em águas simboliza, respectivamente o sepultamento e a ressurreição daquele que morreu para o mundo e ressuscitou para Deus. “Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos” (Cl 2.12).

O apóstolo Paulo discorre sobre o simbolismo do batismo mostrando quanto ele é importante na prática de vida:

“Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida” (Rm 6.3,4).

Portanto, esse símbolo impõe sobre o indivíduo grande responsabilidade para com Deus. Basta ler todo o capítulo sexto de Romanos para se ter uma ideia da implicação desse símbolo: o batismo em si é a dramatização externa de uma graça interna.

A fim de estar preparado para o batismo requer-se o arrependimento (At 2.38,41). Exige-se “receber a palavra” (At 2.41). Isso também mostra que o batismo deve ser precedido por certa porção de ensinamento. (Não cremos no pedobatismo).

Mediante esse o texto da lição e breve exposição acima, destacamos os seguintes pontos:

- O batismo é uma pública profissão de fé, ou seja, um ato em que o crente confessa diante do mundo que crê em Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador.
- O batismo é uma demonstração de mudança. Quando o crente desce as águas batismais, está testemunhando de forma pública perante mundo da sua nova vida em Cristo.

O batismo é uma decisão de compromisso. Quando o salvo se candidata ao batismo deve estar convicto e consciente da fé que abraçou.

2.2 A Ceia do Senhor.

A LIÇÃO DIZ: *A Ceia do Senhor é a outra ordenança dada por Jesus e que foi observada pela igreja de Jerusalém. “E perseveravam... no partir do pão” (At 2.42). A maioria dos estudiosos concorda que esse texto é uma referência à prática da Ceia do Senhor entre os primeiros cristãos.*

O comentarista evita usar o termo “Santa Ceia” e prefere “Ceia do Senhor”. A nossa Declaração de Fé também faz essa escolha.

No campo teológico, há um debate sobre essa nomenclatura. Alguns eruditos afirmam que, como a ceia não é um sacramento, mas uma ordenança, usar a terminologia “Santa Ceia” é catolicizar essa celebração. Não há nenhum poder místico nos elementos da Ceia, por isso evitamos usar a expressão “Santa Ceia”.

No entanto, algo “santo” no contexto das Escrituras Sagradas é algo “dedicado, consagrado, separado a Deus”. Não acredito que seja um grave problema usar a terminologia “Santa Ceia”, mas prefiro, assim como o comentarista, aludir a essa ordenança como “Ceia” ou “Ceia do Senhor”.

As três visões sobre a Ceia do Senhor

- 2.2.1 Transubstanciação (Igreja Católica Romana). Acredita que o pão e o vinho se tornam literalmente o corpo e o sangue de Cristo durante a missa. O sacrifício de Jesus é considerado repetido em cada celebração. Essa doutrina é baseada na interpretação literal das palavras de Jesus e sustenta que há uma presença real e substancial de Cristo nos elementos.

- 2.2.2 Consubstanciação (Luteranismo). Defende que o corpo e o sangue de Cristo estão presentes “com, em e sob” o pão e o vinho, sem que os elementos se transformem. Baseia-se na ideia de que o corpo de Cristo é onipresente. Ainda assim, mantém traços da tradição católica e não sustenta apoio claro nas Escrituras.
- 2.2.3 Memorialismo (Pentecostalismo e tradição reformada). Afirma que o pão e o vinho são símbolos do corpo e do sangue de Cristo. A Ceia é um memorial, conforme as palavras de Jesus (“*fazei isto em memória de mim*”), mas não é um ato vazio: Jesus está presente espiritualmente entre os crentes. Essa posição valoriza o ensino bíblico, reconhece o valor espiritual da Ceia e rejeita tanto a presença física quanto o sacramentalismo.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

3. UMA IGREJA MODELO

3.1 Uma igreja reverente e cheia de dons.

A LIÇÃO DIZ: *É dito da igreja de Jerusalém: “Em cada alma havia temor” (At 2.43). A palavra grega traduzida como “temor” é phóbos, que também significa “reverência, respeito pelo sagrado”. Lucas destaca que “muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos” (At 2.43). “Sinais” (gr. téras) e “maravilhas” (gr. sémeíon) são as mesmas palavras usadas pelo apóstolo Paulo para se referir aos dons do Espírito Santo que se manifestavam em suas ações missionárias (Rm 15.19). Os dons espirituais ornamentavam a igreja cristã primitiva.*

A igreja primitiva vivia sob o impacto contínuo da presença manifesta de Deus. Conforme registra Atos 2.43, “todos continuavam a sentir um profundo temor”. O termo grego *phobos*, empregado nesse versículo, não se refere a um medo paralisante, mas a um sentimento reverente, oriundo da consciência de que o próprio Deus se fazia presente no meio do seu povo. Trata-se de um temor que reconhece a santidade divina e conduz o ser humano a uma atitude de reverência diante da majestade do Senhor.

Conforme observam autores como Kistemaker e Osborne, esse temor afetava não apenas os crentes, mas também os que estavam fora da igreja, pois era perceptível que Deus estava operando de modo extraordinário naquele contexto.

Além do temor, havia abundante manifestação de “sinais e prodígios” realizados pelos apóstolos. Esses milagres não visavam exaltar lideranças humanas, mas tinham por finalidade apontar para o Cristo ressurreto, autenticar a mensagem do Evangelho, despertar a fé nos ouvintes e edificar espiritualmente a igreja.

Sob a perspectiva pentecostal, esses sinais não se restringem à era apostólica, mas fazem parte da ação contínua do Espírito Santo na vida da igreja. Com base nas Escrituras, defende-se que o mesmo Espírito,

derramado no Pentecostes (At 2.1–4), continua atuando por meio dos dons espirituais (1 Co 12.7–11), com vistas à edificação do corpo de Cristo, ao testemunho do Evangelho e à glorificação de Deus. A manifestação dos dons espirituais, contudo, deve ser acompanhada de reverência. O Espírito Santo não é concedido para fins de entretenimento religioso, mas como meio de capacitação santa. Onde há temor a Deus, há também espaço legítimo para o sobrenatural.

Infelizmente, observa-se na atualidade uma oscilação entre dois extremos: de um lado, há os que negam os milagres e rejeitam a atualidade dos dons espirituais, reduzindo a fé cristã a uma racionalidade estéril; de outro, encontram-se os que, em nome do poder, fabricam sinais, distorcem a Palavra e tratam o sagrado com leviandade. A igreja primitiva apresenta, contudo, um modelo equilibrado: uma fé viva, reverente e cheia do Espírito.

3.2 Uma igreja acolhedora.

A LIÇÃO DIZ: *Dentre as muitas marcas de uma igreja relevante, o acolhimento aparece como uma das suas principais. Uma igreja, para se tornar relevante, necessariamente deve ser acolhedora. A igreja de Jerusalém é um modelo de igreja acolhedora. Além de estarem juntos, o texto bíblico diz que naquela igreja “todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum” (At 2.44). Não é fácil partilhar, muito menos acolher.*

O texto de Atos 2.44–46 nos revela uma comunidade que vivia em unidade espiritual e em comunhão prática: “Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum”. Esta união não era resultado de uma imposição institucional, mas de um mover espiritual espontâneo, operado pelo Espírito Santo na vida dos crentes regenerados. A convivência cristã ia além das palavras: era marcada pela partilha voluntária dos bens, pela hospitalidade e pela mútua assistência diante das necessidades.

A prática de “ter tudo em comum” não deve ser confundida com qualquer forma de comunismo ou coletivismo compulsório. O uso dos verbos no imperfeito (v.g., “vendiam” e “repartiam”) indica ações contínuas e pontuais, feitas conforme as necessidades surgiam. O testemunho de Pedro a Ananias (At 5.4) confirma que a entrega de bens era completamente voluntária. Trata-se, portanto, de um modelo de generosidade sacrificial, em que cada crente, sob o impulso da graça e da sensibilidade ao Espírito, renunciava a seus próprios interesses em favor dos irmãos necessitados (cf. 2Co 8.13–15).

Conclui-se que:

- 3.2.1 Uma igreja cheia do Espírito ama de forma prática. Onde há comunhão verdadeira, há cuidado, hospitalidade e sacrifício pelos irmãos.
- 3.2.2 Quando a Igreja perde essa sensibilidade, ela perde seu brilho. O egoísmo apaga a chama do Espírito, e o amor se esfria.
- 3.2.3 O Espírito que nos enche para falar em outras línguas é o mesmo que nos impulsiona a abrir a casa, a mesa e o coração.
- 3.2.4 O mundo precisa ver esse tipo de igreja: unida, generosa, cheia de compaixão. Não basta pregar; é preciso viver. A fé que não se torna amor é fé morta.

3.3 Uma igreja adoradora.

A LIÇÃO DIZ: *A igreja de Jerusalém era também uma igreja adoradora: “louvando a Deus” (At 2.47). “Louvando” traduz o verbo grego aineó. É o mesmo termo usado para se referir aos anjos e pastores que louvavam a Deus por ocasião do nascimento de Jesus (Lc 2.13,20); é usado também para descrever o paralítico que louvava a Deus depois que foi curado junto à Porta Formosa do Templo (At 3.8). É, portanto, uma expressão de júbilo e de gratidão. Louvar é muito mais que simplesmente “cantar”; é uma expressão de rendição e total entrega!*

A igreja de Jerusalém era uma comunidade que expressava publicamente sua fé, “louvando a Deus” (*aineó*), como registra Atos 2.47. Esse verbo, no grego, tem o sentido de elogiar, reconhecer ou declarar publicamente os méritos de alguém. Trata-se de uma ação verbal e consciente, em que se atribui glória a Deus por quem Ele é e pelo que faz.

Nesse contexto, o louvor não era um ato meramente litúrgico ou musical, mas uma resposta direta à ação de Deus na história e na vida dos crentes. A igreja primitiva louvava porque experimentava a realidade da salvação, da comunhão com Deus e dos sinais que confirmavam a atuação do Espírito.

Conclui-se que:

- 3.3.1 O louvor como testemunho público. Em Atos, o louvor acontecia de modo visível, ao ponto de gerar impacto no ambiente social: “caindo na graça de todo o povo” (v. 47). Isso mostra que uma igreja que louva a Deus de forma autêntica também influencia sua geração.
- 3.3.2 O louvor como disciplina da fé. Assim como o ensino e a oração, o louvor era parte do cotidiano da comunidade cristã. Ele integrava a vida comum dos crentes, não como performance, mas como uma prática intencional de exaltar a Deus com entendimento (cf. 1 Co 14.15).

CONCLUSÃO

A Igreja de Jerusalém é descrita em Atos como uma igreja centrada na verdade, sensível à ação do Espírito e comprometida com a edificação mútua. Sua força não vinha de estratégias humanas, mas da fidelidade ao ensino apostólico, da prática sincera da fé e da reverência a Deus. Ao invés de buscar relevância por meios artificiais, essa igreja influenciava por aquilo que era: ensinava com clareza, orava com fervor, partilhava com responsabilidade, adorava com integridade e permanecia firme naquilo que ouvira de Cristo.

ABRA JAULA – PB MURILO ALENCAR

REFERÊNCIAS

- GONÇALVES, José. **A igreja em Jerusalém: doutrina, comunhão e fé:** a base para o crescimento da igreja em meio às perseguições. Rio de Janeiro: CPAD, 2024.
- ALISSON, Greg. **Eclesiologia.** São Paulo: Vida Nova, 2021.
- OSBORNE, Grant. **Atos dos Apóstolos.** Natal, RN: Carisma, 2022.
- LOPES, Hernandes Dias. **Atos:** a ação do Espírito Santo na vida da Igreja. São Paulo: Hagnos, 2012.
- STOTT, Jonh. **A mensagem de Atos:** até os confins da terra. 1. ed. São Paulo: ABU Editora, 1994.